

**IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL
DE LITERATURA E INFORMÁTICA**

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

**O EXPRESSO DE HOGWARTS VAI PARA NÁRNIA: A
FANFICTION COMO OPÇÃO DE LEITURA E
PRODUÇÃO TEXTUAL COLABORATIVA NA ESCOLA
CONECTADA**

Rafael da Cruz Freitas¹ (UPF)
Tania Mariza Kuchenbecerk Rösing² (UPF)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Como todo o texto acadêmico, seja para publicação em periódicos, ou eventos da área do conhecimento que se pretende explorar – *Linguagens, códigos e suas tecnologias* – este trabalho também deveria apresentar desde sua primeira linha a organização tradicional exigida pela academia, mas não. Permito-me começar com uma reflexão partindo da expressão “leitura e leitores em liberdade”, apresentada por Rösing (2016. p. 08) Como ensinado pelos cursos de Licenciatura em Letras, um texto nunca pode ser observado fora de seu contexto, porquanto, se assim for, ele perderá seus sentidos e sem sentido, o texto pode ser tudo, menos texto. Desta forma, a frase escolhida necessita ser observada dentro do contexto de como deveria ser a formação de leitores, o que pode parecer contexto velho, abatido e pensado na educação brasileira desde meados da década de 1980, mas que nunca foi tão atual e necessário como agora, principalmente diante do perigo que corre a educação brasileira em todos os seus níveis.

¹ Acadêmico do Curso de Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES). Orientando E-mail:cruz243@gmail.com

² Doutora em Letras pela PUC/RS. Pós-Doutora em Educação pela Universidade de Extremadura, Espanha. Professora do Programa de Pós Graduação e do Curso de Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. Pesquisadora produtividade CNPq. Coordenadora do Centro de Referência de Literatura e Mídias do curso de Letras da Universidade de Passo Fundo. Orientadora. E-mail:tmkrosing@gmail.com

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Formar um leitor é um ato de transgressão, subversivo, perante os padrões socialmente impostos dentro de um mundo social dominado por poucos. Mas por que formar o leitor é uma transgressão? O ato de formar o leitor não pressupõe uma moldagem em detrimento de algo, ou de alguma coisa, e sim uma reflexão – não sobre a literatura e nem sobre o texto literário, pois essa é a nossa função enquanto acadêmicos – uma reflexão crítica do próprio leitor, seja esse aluno ou docente, sobre o seu fazer num mundo contextual em que a leitura aparece nas mais diversas formas, seja no fazer pedagógico do docente, numa postagem de cento e quarenta caracteres no *twitter* ou numa *fanfiction*. Dentro desse contexto, tem-se a reflexão sobre a frase escolhida a partir da **leitura**, um ato de significação dialógica onde significados – não signos – são selecionados e comparados em busca da construção do sentido de um texto. **Leitor**, agente de uma relação dialógica que é construído como um sujeito social que procura ver nos sentidos do texto a significação a ser formatado partindo da reflexão sobre o contexto social em está inserido como sujeito. **Em liberdade**, nada mais está preso, tudo flui pelas nuvens virtuais que pairam sobre nossas cabeças e atravessam nossos corpos, carregando milhares e milhares de conhecimentos e fazeres culturais que foram transportados para o mundo digital. É a transposição dos muros e muralhas das escolas e academias.

Unidos na mesma sentença, essas três palavras demonstram que a leitura e o leitor são livres para serem influenciados, modificados e unidos de tal forma que suas limitações se perdem. Sabemos da existência da leitura e dos leitores, mas não temos mais a noção de onde está um e onde está outro, não sabemos mais como se auto influenciam, de que forma um constrói o outro, ou até que ponto o leitor é somente leitor, ou em que ponto se transmuta – dentro de um processo de construção de sentido do texto – em um coautor, ou num novo tipo de autor. A única certeza que temos é de que mais do que nunca necessitamos formar leitores, sujeitos capazes de observar criticamente nossa conjuntura político-social, como uma forma de resistência aos nebulosos tempos que aparentam vir.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

1. UMA VIAGEM VIRTUAL COM O EXPRESSO DE HOGWARTS: CIBERCULTURA E CULTURA DA CONVERGÊNCIA.

É dentro dessa reflexão sobre a liberdade da mistura dos limites de onde estão leitor e leitura que se traz a temática deste trabalho e seus objetivos. A temática de que aqui se trata, inserida na linha de pesquisa de *leitura e formação de leitores*, é como a *fanfiction*, um texto ³ produzido na cibercultura por leitores ainda em formação escolar e inserido no contexto da Convergência das Mídias, pode configurar opção de leitura ilimitada na escola conectada ao mundo virtual. E o objetivo deste escrito é tentar refletir, partindo da gênese da *fanfiction*, como ela pode influenciar o processo da formação de leitores. Para isso, temos que ter de forma clara dois conceitos importantes para a *fanfiction*, os conceitos de cibercultura e de convergência das mídias que não podem ser observados, e nem existem, de modo separado.

Começamos, então, pela cibercultura que é um conceito desenvolvido pelo filósofo francês Pierre Lévy (1999, p. 17) e que pode ser entendido, de acordo com o autor como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.”. Em suma, a cibercultura pode ser compreendida como a transposição de valores e práticas humanas existentes no mundo físico para o mundo virtual. E o ciberespaço, definido pelo mesmo autor, pode ser entendido como o novo meio de comunicação que surge a partir do final do séc. XX e início do séc. XXI, com a popularização da rede mundial de computadores, Internet.

Dentro da cibercultura, como afirma Jenkins (2012), temos – contemporaneamente – a convergência das mídias. Contudo, o conceito de convergência midiática não é tão atual quanto parece, pois começou a ser desenvolvido

³ Aqui não se usa a alcunha gênero textual, pois determinar algo como um gênero de texto demanda uma análise mais profunda sobre sua estrutural, o que está fora das pretensões deste trabalho.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

em meados da década 1980, por Ithiel de Sola Pool, professor e cientista político do *Massachusetts Institute of Technologies (MIT)*, como a Convergência de Modos.

Um processo chamado “convergência de modos” está tornando imprecisas as fronteiras entre os meios de comunicação, mesmo entre as comunicações pontuais ponto a ponto, tais como o correio, o telégrafo, e as comunicações de massa, como a imprensa, o rádio e a televisão. Um único meio físico – sejam fios, cabos ou ondas – pode transportar serviços que no passado eram oferecidos separadamente. De modo inverso, um serviço que no passado era oferecido por um único meio – seja a rádio difusão, a imprensa ou a telefonia – agora pode ser oferecido de várias formas diferentes. Assim, a relação um a um que existia entre um meio de comunicação e seu uso está se corroendo. (POOL *apud* JENKINS, 2012. p. 37).

A partir disso, podemos afirmar que as fronteiras midiáticas que eram muito bem definidas anteriormente, estão nubladas e não se sabe mais onde estão os meios de comunicação e seus intermediários, o que demonstra a mistura dos limites entre leitor e leitor, pois ambos estão dentro de processo social entendido como convergência das mídias que mistura os limites tradicionalmente impostos nas artes e na cultura. De maneira simplificada, a convergência das mídias pode ser explicada como a união dos meios de comunicação que aqui serão tratados por mídias, destruindo as fronteiras de seus conteúdos e produtos. Ao tratarmos da união das mídias, temos que ter o cuidado de não confundir a convergência com a revolução digital, pois, apesar da convergência acontecer na Revolução Digital, ambas são coisas completamente diferentes. A revolução digital é referente à evolução tecnológica do ser humano, à criação de novas tecnologias e essa já faz parte da história da humanidade, pois embora tenha dado um grande salto na última década, o ser humano parou de desenvolver novos conhecimentos tecnológicos e passou somente a atualizar os anteriores. Já a convergência das mídias dá conta dos conteúdos produzidos para essas tecnologias, assim pode ser entendido que uma mídia – digital – pode ser uma série de televisão e até um aplicativo para *smartphone*. Mas a diferenciação entre ambas não está somente no quesito de uma ser física – no sentido de máquinas – e a outra ser “digital”, no sentido

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

de ser produzida para a máquina e transmitida de modo “invisível”, a diferença está também na convergência.

De um modo direto, a diferença é que as mídias (conteúdo) convergem, já as tecnologias não. Mas por que somente os conteúdos convergem? No final do século XX e começo do século XXI, as empresas de mídia, público e teóricos da tecnologia e das comunicações acreditaram no que (JENKINS, 2012. p. 42) define como a Falácia da Caixa Preta “mais cedo ou mais tarde, diz a falácia, todos os conteúdos de mídia irão fluir por uma única caixa preta em nossa sala de estar”. Como podemos ver até então, cada ser humano tem seus aparelhos tecnológicos, claro que eles podem ter as mais diversas funções, mas ainda temos um televisor, um *laptop*, um *smartphone* e detalhe, cada um de empresas de *hardware* e *software* diferentes, o que faz da caixa preta uma grande mentira. O que é real é que os grandes conglomerados culturais, como a *Time Warner, Inc* e a *The Walt Disney Company* – ambas donas de produtoras, estúdios de cinema e animação, estúdios de jogos, editoras e de parte considerável da indústria fonográfica – distribuem seus produtos nas diversas plataformas tecnológicas, criando conteúdos similares para séries de televisão, filmes, jogos de videogame, quadrinhos, músicas, livros e o que mais for possível consumir de modo digital – o que justifica a cibercultura – através dos aplicativos de *streaming*.

A convergência de mídias é um processo de transição de produtos para diversas plataformas que possui uma via de mão dupla, assim temos de um lado da pista a indústria com seus produtos culturais e plataformas de consumo, do outro o consumidor que influencia os produtos e interage diretamente com eles, mas quem é esse consumidor? Esse consumidor é o leitor. Esse processo de interação entre consumidor e produto dentro da convergência pode ser chamado de cultura participativa. Resumidamente, a cultura participativa pode ser definida como a influência do consumidor sobre o produto ou mercado cultural, mas ela é muito mais profunda do que simplesmente influência, essa cultura existente dentro da convergência e exige que o consumidor participe diretamente do processo de produção de um produto cultural

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

determinando, seu sucesso ou fracasso e se o primeiro é determinado, existe o processo de interação do consumidor com o produto e dessa relação pode surgir um novo texto, a *fanfiction*.

2. A GÊNESE DA *FANFICTION* E SUA AUTORIA NA ESCOLA CONECTADA.

Dentro da convergência de mídias, a *fanfiction* é entendida como uma resultante da cultura participativa, pois ela resulta da interação com um produto original que tem seu discurso apropriado por um fã num processo de interferência que é baseada num processo de comunicação entre as partes. Esse discurso original é recriado pelo fã, transformando o original numa nova estória, adicionando novos personagens, criando um novo texto que será lido por outros leitores e recriado num processo de leitura e autoria coletiva, constante dentro da cibercultura, e utilizado de modo não oficial pelos conglomerados de mídia como forma de fidelizar e arrecadar consumidores. É o processo que envolve a *fanfiction* que afeta diretamente a formação do leitor, primeiro porque a convergência de mídias configura um processo social, pois interfere diretamente na produção cultural; segundo, o consumidor também faz parte do letramento – utilização da leitura e da escrita como prática de interação social – como leitor; terceiro, o leitor interage com os produtos e os recria como um novo texto e quarto esse novo texto interage com o leitor a partir das habilidades linguísticas de comunicação, o que configura uma situação de letramento.

Se a *fanfiction* é um novo texto que nasce partindo da interação do leitor com um produto cultural, por que ela não é usada na escola como opção de leitura no processo de formação do leitor? Para responder esse questionamento, esbarramos na construção do cânone.

Para que uma obra seja considerada *Grande Literatura* ela precisa ser declarada literária pelas chamadas “instâncias de legitimação”. Essas instâncias são várias: a universidade, os suplementos culturais dos grandes jornais, as revistas especializadas, os livros didáticos, as histórias literárias

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

etc. Uma obra fará parte do seletivo grupo da Literatura quando for quando for declarada literária por uma (ou de preferência, várias) dessas instâncias de legitimação. (ABREU, 2006. p. 40)

A *fanfiction*, um novo texto que surge da interação do leitor com um produto cultural, não é considerada literatura, muito menos grande literatura, pois não passa pelo crivo da academia e, por consequência da escola e dos materiais didáticos. E qual o motivo disso acontecer? O cânone cultural, ou literário, é formado dentro de uma seleção cultural arbitrária que desconsidera qualquer outro tipo de cultura que não seja o determinado pelas instâncias de legitimação. É uma seleção que nega, rechaça e esconde outras produções culturais que merecem o devido estudo, sejam passadas ou contemporâneas. Além de jogar obras, principalmente de autoria feminina e negra, ao esquecimento, as instâncias de legitimação – principalmente a academia – fazem o desserviço cultural de fixar os estudos literários até meados de 1950, esquecendo da literatura da ditadura e pós-ditadura e nem notando a contemporaneidade na efervescência da cibercultura.

O objetivo deste trabalho é refletir sobre como a *fanfiction* pode influenciar a formação do leitor e o que foi escrito até este momento já cumpriu o objetivo. Porém nos resta dizer que a *fanfiction* pode ser utilizada como leitura não somente por fazer parte da cultura popular com que o leitor tem contato, porque partindo da gênese da *fanfic* o professor de língua e literatura, se criativo e comprometido com a formação de leitores, pode introduzir noções de autoria a seus alunos partindo dos três tipos de autor da *fanfiction*, como afirma Freitas (2016) determinando-os como o **leitor-produtor**, o **leitor-leitor** e o **Beta-reader** que derivam, segundo o teórico, do conceito de autor como um dominador do discurso.

- **Leitor-produtor:** confere um significado específico às palavras que utiliza. Apropria-se de um discurso com o objetivo de recriá-lo, isso é, o escritor de *fanfics* toma para si o discurso da obra original – sendo estas séries de Televisão ou da Netflix, Filmes, Jogos Eletrônicos ou Livros – ressignifica aquele discurso e o reconstrói de maneira a alterar o curso da estória original dentro do mundo

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

criado pelo autor, inserir novos personagens, ou até modificar completamente o mundo criado pelo autor da estória.

- **Leitor-leitor:** tem algumas características do leitor-produtor, como ser um apropriador e recriador do discurso original, todavia, o que o difere do primeiro também é apropriação e recriação de discurso, pois, enquanto o primeiro só o faz em relação à obra original, o leitor-leitor o faz com relação também à obra recriada através de *feedbacks*.
- **Beta-reader:** age como editor (a), revisor (a), e auxiliar de autores nas construção de suas *fanfictions*, fazendo com que esses autores respeitem as características principais de um produto cultural, ao mesmo tempo em que o alteram. Tem também como parte de sua função auxiliar escritores de *fanfiction* que há pouco adentraram nesse mundo e, por isso, não sabem quais limites esse tipo de texto pode tanger. É por esse motivo que alguns sites, como <https://socialspirit.com.br/> colocam exigências, como o/a *beta-reader* ter que obrigatoriamente ser um Leitor-produtor, ter tempo de atuação como Leitor-produtor e *fanfictions* com boas indicações.

A introdução dos conceitos de autoria da *fanfiction*, ainda segundo Freitas (2016), deve ser realizada de forma cuidadosa e muito bem planejada pelo docente, pois objetivo dessa introdução não é discutir a autoria como se discute na academia e sim fazer com que os alunos se tornem autores de seus próprios textos, o que é um problema enfrentado não somente na Educação Básica, mas também na Universidade, pois os alunos não têm controle sobre o que escrevem e como escrevem. A introdução desses conceitos na escola traz duas vantagens para formação do leitor: a primeira é a não desconsideração da bagagem cultural do aluno que terá a oportunidade de aproximar suas leituras da escola. A segunda vantagem é a que deve ser conduzida pelo planejamento do docente, a interação do aluno com suas leituras a ponto de ocorrer o processo de autoria da *fanfiction*, apropriação do discurso e recriação, o que é das duas vantagens notadas até este momento, a maior, porque demonstrará ao aluno que o

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

letramento – que não sabe que está inserido – em que se insere não é o enfadonho estudo da Língua Portuguesa, ou da Literatura Canônica.

O aluno deve notar que o letramento é, em si, um processo interessante que exige a interatividade com seus gostos, um processo de comunicação social – interação – entre o sujeito que lê, o leitor, com os produtos culturais que consome numa relação dialógica. A interação do sujeito com o que gosta e consome dentro dos processos de leitura e letramento, não visa somente a produção de um texto numa apropriação e recriação do discurso, mas também o desenvolvimento da percepção crítica àquilo que é consumido..

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aproximação dos processos culturais que fervem na sociedade – cultura de participação e cibercultura – é mostrar que o ensino da disciplina de literatura e também a academia devem se atualizar de acordo com as exigências sociais, e mostrar ao aluno que o conhecimento cultural não é desconsiderado pela escola, ou universidade. Aproximar a *fanfiction* e a bagagem cultural do aluno são o impedimento da precoce morte de um leitor.

No início deste trabalho se disse que o ato de formar um leitor é transgressor e toda a exposição teórica e crítica aqui realizada confirma isso. A confirmação da transgressão no ato da formação do leitor acontece através da interação do sujeito com seus produtos culturais, pois todo o processo de apropriação de discursos que ocorre na autoria da *fanfiction* somente é possível através do pensamento crítico em relação àquilo que consome como cultura. Se o aluno pensar criticamente em relação à o que é consumido, verá a sociedade com outros olhos, olhos de quem pensa criticamente sobre as relações sociais e de poder que podem acabar com mais de uma década de evoluções nas áreas da educação e das políticas sociais.

**IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL
DE LITERATURA E INFORMÁTICA**

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

Referências

ABREU, Márcia. *Cultura Letrada: Literatura e Leitura*. São Paulo: Unesp, 2006.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2012.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 2.ed. São Paulo: Ed. 34, 1999.

FREITAS, R.C. *Leitura, letramento e cibercultura: notas sobre fanfiction*. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA, 6. 2016, Passo Fundo. *Anais...* Passo Fundo: UPF Editora. Disponível em: <http://snll.upf.br/images/pdf/2016/leitura-literatura-estrangeira-rafael-freitas.pdf> Acesso em: 13 out. 2016 às 23h00min.

RÖSING, T.M.K. *Práticas Leitoras: dinamizando acervos, linguagens, manifestações artísticas e culturais*. In: _____;PORTELA, L.F. *Biografia: uma história da vida real (Ensino Superior)*. Passo Fundo: UPF Editora, 2016